

# AULA DE HISTÓRIA

(Crônica)

Rodrigo Alencar

Eu sempre gostei de História, mas foi na escola secundária que essa paixão se consolidou. Isso graças a uma professora que dava aulas para a primeira série.

Era uma senhora de cabelos grisalhos, venerandos. Entrava na sala de aula, sobraçando uma pasta e dois ou mais livros. Depois de depor as coisas sobre a mesinha, saudava-nos com um sorriso nos lábios, docemente. Então, começava a falar, falar, falar. Porém, ela também sabia ouvir. Não era uma juíza, alguém que detém a verdade, que dita o certo e o errado. Mas uma mediadora, uma ponte humana entre o saber e nós, os aprendizes.

Eu amava suas aulas, mas uma delas foi memorável. O conteúdo? A Roma Imperial. Sim, o colosso cujos tentáculos, crescidos com o tempo, cingiam terras e povos longínquos. Uma Roma altiva que se esgueirava sobre o Mediterrâneo, soberbamente. Diante dela se ajoelhavam, cativas, a Espanha, a Gália, o Norte da África, a Macedônia, a Trácia, a Grécia, a Ásia Menor. Quem poderia detê-la? Que povo ou nação poderia conter seu impulso dominador, sua fome de ouro e expansão, seus exércitos sólidos e inabaláveis de dez, vinte mil legiões? Quem ou o quê se oporia a esse ímpeto absorvente, a essa força atroz e descomunal?

Havia ainda o bulício das termas, a pompa dos anfiteatros, a imponente leveza dos aquedutos. Todo um mundo que ressurgia diante de nós alunos. Todo um universo que as páginas do livro, abertas, deixavam escapar. Um passado que ganhava forma e contornos dentro da sala de aula, subitamente. Mas por que os banhos eram públicos, alguém perguntava. Por que havia escravos em Roma, inquiria outro. À medida que aumentavam os porquês, cresciam também as respostas e, junto com elas, mais perguntas e mais respostas. Mas onde isso vai parar, meu Deus? E a mestra, limpando os óculos de grau, pacientemente, respondia: “Gente, aprender não tem fim. Quanto mais a gente aprende, mais a gente tem dúvidas”.

E os olhos miravam-na, espantados. Aprender não tem fim, não tem. “Porque não existem respostas definitivas”, insistia a professora, radiante. Ela não sabia, mas sua lição me levaria, anos mais tarde, a Sócrates, um filósofo grego. Não foi ele quem asseverou que a sabedoria acompanha a ignorância? Só sei que nada sei. Lembro-me bem, era isso o que ele dizia. Mas a professora, ela sabia? Ela antevira que suas palavras me levariam, um dia, a Sócrates, o pai da maiêutica?

Quanto mais a gente aprende, mais a gente tem dúvidas... Essa lição eu nunca mais esqueci, nunca mais. E ainda havia os anfiteatros, os aquedutos, a escravidão, os gladiadores no Coliseu, a rebelião de Espártaco, a beleza de Vênus, a batalha de Ácio, a gênese do Cristianismo, as viagens do apóstolo Paulo, a divisão do Império, o colapso econômico, a decadência, as invasões bárbaras, a queda de Roma. Um mundo que, tendo ressuscitado, se esvaía diante de nós, com a professora saindo pela fresta da porta, os livros debaixo do braço. Uma aula histórica, memorável...